

# de CINEMA

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

Proprietario : *Henrique Franco*  
Red. e Adm. (provisórias) :  
*Rua do Salitre, 42, 1.º. Tel. N. 3275*

Redactor principal : *Amadeu de Freitas (Filho)*  
Secretario da redacção : *Valentim da Cunha*

Editor : *David Lopes*  
Officinas : *IMPRENSA LUCAS & C.ª*  
*R. Diario de Noticias, 59-61, Lisboa*

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Uma Questão Nacional

Vivemos numa época em que de toda a gente se apoderou um invencível medo de perder. O medo de perder é uma aparição fantasmagórica que assalta a grande maioria dos capitalistas portugueses, um indefinível medo de ficarem sem o seu pé de meia amalhado á custa de trabalho ou conseguido mercê da louca e desenfreada febre de negocios, criada pelo após guerra.

Sente-se a absoluta falta de progresso neste país onde todas as iniciativas seriam coroadas de exito. Nota-se uma espantosa — iamoz a dizer dolorosa — fuga do capital português.

Os que teem dinheiro — a maioria, é claro, porque ha excepções — ou o guardam nos Bancos ou o colocam sobre hipotecas a um escandaloso e pesadissimo jure, ganhando assim importancias formidaveis, sem nenhum trabalho, nem uma unica responsabilidade.

Em Portugal está tudo por fazer. Corremos o país de norte a sul e vemos, com tristeza, as terras incultas, as cidades sujas, as pontes a cair, as estradas esburacadas. Decaiu a literatura porque os livros só editam os consagrados e o papel é caro. Decaiu o teatro, o glorioso teatro Português que Gil Vicente criou e Garrett imortalizou. Porquê? Porque não ha estradas, nem cidades bonitas, arejadas, limpas, modernas, nem caminhos de ferro, nem campos irrigados, nem literatura, nem teatro, nem nada? Porque não haja operarios, escritores, actores, architectos, etc.? Não. Em Portugal há disto tudo. O que falta, o que desapareceu, foi a aliança necessaria entre o capital e o trabalho, entre o cerebro que pensa e cria e o dinheiro que consegue executar.

Porque fogem os capitalistas? Porque teem medo de colocar o seu capital em obras de reconhecido valor artistico, turistico e patriótico? Não se sabe bem porque mas a razão explica-se devido ao medo que os invadiu depois da inevitavel derrocada originada pela subita e ficticia prosperidade dos anos terriveis que se seguiram á guerra.

E vivemos assim, com as Artes votadas ao ostracismo porque ninguém os apoia. E vivemos assim, vergonhosamente, aos olhos dos estrangeiros porque muitos portugueses, que podiam, não querem cumprir o seu dever.

A estafada aria, o lugar comum de todos os dias «Portugal é um país rico, pena é que não seja explorado», está quasi a converter-se em doloroso e tremendo exemplo para as nações dos confins da Azia onde a civilização ainda não entrou. Não é demais, e por feio que pareça, ou anti-patriótico que o julguem, repetir esta frase macabra. Portugal é, de facto um poderoso país! Mas ninguém lhe liga importancia. Ninguém tomou ainda a serio esta verdade. E' preciso pensar no futuro de Portugal, diz toda a gente. Mas quem ha aí que pensasse a serio duas horas seguidas no futuro da sua Patria?

Estas reflexões veem a proposito do estado embrionario de uma industria que, em todas as Nações do mundo civilizado, atingiu já um alto grau de perfeição. Queremos referir-nos á industria cinematografica que, como toda a gente sabe, em Portugal é, ou uma aspiração platónica de dois ou tres utopicos ou, simplesmente, uma interessante iniciativa. E quando, nesta terra, algum filme português aparece reclamado, o caso toma fóros de verdadeiro acontecimento nacional! Tudo fala no assunto, todos o discutem, toda a gente fica sabendo de cór o seu argumento, o nome dos actores e demais pessoal que entra na sua confecção.

Isto significa, nem mais nem menos, que uma desoladora e triste falta de industria, que, a bem dizer, quasi nem existe, mas que é preciso, absolutamente preciso, que exista.

Que poderosos, que formidaveis, que maravilhosos argumentos nós possuímos na nossa Historia! Que admiraveis lições de Histó-

ria Patria, de sagrado patriotismo, de unica e invejavel gloria do passado, nós dariamos, filmando algumas scenas portentosas e grandes que nos ofereça a Historia em cada uma das suas gloriosas paginas! Que inefavel prazer, que doce recordação seria a de levar ao Brasil e á America esses filmes que os nossos colonos, os nossos mais honrados e simples embaixadores, veriam com alvoroço e, quantas vezes, chorando com uma saudade sagrada da sua Patria! Lembrem-se disto os homens que governam! Lembrem-se disto os mentores espirituais deste povo de analfabetos, que vive, parasitariamente, amarrado á boia da tradição, conquistada á custa de mil e um sacrificios dos antepassados! Não; ha que fazer coisas novas. E' preciso progredir, crear, desenvolver. E' absolutamente necessario — em todos os campos da actividade humana — que a Nação marque, trabalhe e progrida.

Isto de nos limitarmos a admirar o alheio, de nos mirarmos no espelho luzidio, mas falso, da obra estrangeira, tem que acabar. E ha de acabar.

A industria cinematografica nasceu ontem. Pois bem. Não esperemos pelo amanhã nevoento. Começemos a trabalhar. Porque não auxiliarmos e ajudarmos os homens de vontade e competencia tecnica? Quem há para aí que queira ajudar a sua Patria, a marcar o lugar que lhe compete ao lado da industria mundial?

Porque esperam srs. capitalistas? Porque espera o Governo para auxiliar e fomentar a maravilhosa descoberta de *Lumière*, a mais preciosa e certa obra da propaganda portuguesa?

Sabemos que bradamos no deserto. Isso não impede, porem, que lembremos, muito a serio, que esta questão vale mais do que muita gente pensa e merece um pouco mais de atenção do que quasi todos, os que tinham esse dever, lhe dedicam.

E' preciso, de uma vez para sempre, que as estações officiais estudem, detalhada e conscientemente, este assunto e, sobre ele, promulguem indispensaveis diplomas de protecção. Evidentemente que seria absurdo pedir o agravamento dos impostos ás produções estrangeiras. Somos, por principio e por inteligencia contrarios a todas as protecções que causam a outros perdas e danos. Deve-se proteger a industria cinematografica nacional depois do problema ser devidamente estudado e dos tecnicos serem ouvidos.

E o Estado, que tem o indeclinavel dever de promover o fomento nacional, aumentar a riqueza patria e defender, ao maximo, o seu prestigio perante o estrangeiro, não pode, nem deve, porque isso seria a demonstração insofismavel de falta de competencia e da noção das realidades, alhear-se do problema.

Os homens que neste momento se sentam nas cadeiras do poder teem proclamado que, a todo o transe, promoverão o progresso e aumentarão sempre o prestigio do País. Pois que os srs. ministros dos Negocios Estrangeiros e da Instrucção se lembrem que os films estrangeiros são vistos em Portugal todos os dias e que, no estrangeiro, não se veem *films* portugueses... Esta poderosa arma de propaganda nacional, da nossa Historia, usos, costumes, riqueza monumental, etc., está votada ao esquecimento pelos poderes publicos. Outro tanto não acontece lá fóra onde os governos ajudam e promovem o progresso da industria.

E nesta hora, verdadeiramente historica para a vida da Nação, em que, no Terreiro do Paço, se sentam homens que proclamam e afirmam a necessidade de renovar e insuflar á vida nacional novos aletos e novas energias, é bom não esquecer que esta questão, constitue, sem duvida, não uma questão de classe ou de interesses, mas uma autentica questão Nacional!